



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA DO ROSÁRIO DANTAS

**DIFICULDADES DOCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS-PB

2017

MARIA DO ROSÁRIO DANTAS

DIFICULDADES DOCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM
ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

CAJAZEIRAS PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

D192d Dantas, Maria do Rosário.
Dificuldades docentes no processo de ensino-aprendizagem com
alunos com deficiências nos anos iniciais do ensino fundamental / Maria
do Rosário Dantas. - Cajazeiras, 2017.

48f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia)UFMG/CFP, 2017.

1.Educação infantil. 2. Ensino fundamental - dificuldades em
aprendizagem. 3. Psicologia Educacional. I. Fernandes, Dorgival
Gonçalves. II.Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores.IV. Título.

UFMG/CFP/BS

CDU -376

MARIA DO ROSÁRIO DANTAS

DIFICULDADES DOCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM
ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de Graduação
em Pedagogia, Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves
Fernandes.

Aprovado em: 06 / 09 / 2017

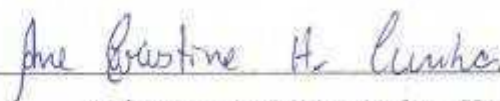
BANCA EXAMINADORA



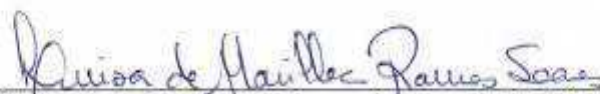
Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes – UAE/CFP/UFCG
Orientador



Prof. Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira – UAE/CFP/UFCG
Examinador Titular



Profa. Ms. Anne Cristine Cunha – UAE/CFP/UFCG
Examinadora Titular



Profa. Dra. Luisa de Mairilac Ramos Soares – UAE/CFP/UFCG
Examinadora Suplente

Dedico este trabalho aos meus pais José Dantas e expedita Lacerda, (*in memória*) pelo dom da vida e pela oportunidade de viver esse momento, por colocar em meu coração o desejo de querer sempre alcançar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por estar sempre comigo nas minhas tribulações, tornando-me forte, corajosa e perseverante diante de meus objetivos.

Aos meus familiares pelo apoio, dedicação e incentivo para comigo, em especial meus irmãos e meus sobrinhos.

A todos meus amigos, que me acolheram com uma palavra de conforto, pela paciência, e motivação.

A todos os professores, em especial a meu orientador, prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes, meu orientador, pela dedicação, incentivo, compromisso, disponibilidade e principalmente pela paciência.

Agradeço à banca examinadora por ter aceitado o convite e por contribuir de forma significativa para o aperfeiçoamento deste trabalho e na minha formação.

A todas minhas colegas da turma de pedagogia 2012, por fazer parte de minha vida de maneira tão especial.

Aos professores que se dispuseram participar desta pesquisa e a todos e todas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho muito obrigada!

“Não há diferenças melhores ou diferenças piores. O que há é a diversidade humana”.
(Romeu Kazumi Sasaki)

RESUMO

Este trabalho teve como propósito compreender as dificuldades vivenciadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada com quatro professores que atuam em uma escola da rede pública municipal da cidade de São João do Rio do Peixe/PB. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista individual, na modalidade semiestruturada. Os dados coletados foram organizados e analisados a partir de técnicas do método de análise de conteúdo, desenvolvido na perspectiva de Bardin. No referencial teórico foi adotado o pensamento de Sasaki, (2002), Silva, Vilela e Oliveira, (2012). Os resultados da pesquisa nos apontam que as dificuldades docentes frente à inclusão são a falta de capacitação ou formação de professores, a necessidade de apoio pedagógico por parte da escola e a indisponibilidade de materiais pedagógicos que possam suprir adequadamente as necessidades dos alunos e também dos professores, além de um espaço escolar suficiente para acolher devidamente os discentes com deficiência. Verificou-se que mesmo com todas as dificuldades, a escola se interessa em receber crianças com deficiência, mas apenas as recebe em cumprindo à lei e isso não é suficiente para o processo de inclusão. Há um desejo de mudanças por partes dos docentes que trabalham com a educação inclusiva. É essencial que a escola reorganize as suas práticas pedagógicas, refletindo sobre como aperfeiçoar ou transformar seus métodos de ensino para poder desenvolver um bom trabalho, procurando superar os problemas e facilitar a integração, adaptação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, pois são esses os objetivos da escola em relação ao aluno com deficiência propostos pela educação inclusiva.

Palavras chave: Alunos com deficiência. Inclusão escolar. Formação docente.

ABSTRACT

This study aimed to understand the difficulties experienced by teachers in the teaching and learning process of students with disabilities in the initial years of elementary school. The qualitative research was carried out with four teachers who work in a school of the municipal public network of the city of São João do Rio do Peixe / PB. The instrument of data collection was the individual interview, in the semistructured modality. The data collected were organized and analyzed using techniques of the method of content analysis, developed from Bardin's perspective. In the theoretical reference was adopted the thought of Sassaki, (2002), Silva, Vilela and Oliveira, (2012). The results of the research indicate that the difficulties faced by teachers are the lack of training or training of teachers, the need for pedagogical support by the school and the unavailability of pedagogical materials that can adequately meet the needs of students and also teachers, as well as a sufficient school space to accommodate students with disabilities. It has been found that even with all difficulties, the school is interested in receiving children with disabilities, but only receives them in compliance with the law and this is not enough for the inclusion process. We emphasize that there is a desire for changes in the number of teachers working with inclusive education. We consider it essential that the school reorganize its pedagogical practices, reflecting on how to improve or transform its teaching methods in order to develop good work, to overcome problems and to facilitate the integration, adaptation and learning of students with disabilities, as they are the objectives of the school in relation to students with disabilities proposed by inclusive education.

Keywords: Students with disabilities. School inclusion. Teacher training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I.....	15
METODOLOGIA.....	15
CAPITULO II	18
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	18
2.2 DEFICIÊNCIA: TIPOS E CONCEITOS.....	20
2.3 INCLUSÃO E ESCOLA: os desafios, perspectiva e formação de professores que atuam na educação inclusiva.....	23
CAPITULO III.....	28
Análise.....	28
3. As dificuldades enfrentadas pelos docentes no processo de ensino-aprendizagem com alunos com deficiências, nos anos iniciais do ensino fundamental.....	28
3.1 As Concepções Docentes sobre Deficiência e Educação Inclusiva.....	28
3.2 As Dificuldades Docentes frente à Inclusão Escolar.....	32
3.3 Formação Docente e a Aprendizagem Discente na Educação Inclusiva.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE.....	47
Apêndice A- Questionário aos Professores.....	48

LISTA DE SIGLAS

ONU.....	Organização das Nações Unidas
PcD.....	Pessoas com Deficiência
LDBEN.....	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC.....	Ministério da Educação.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objeto de estudo compreender as dificuldades vivenciadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência nos anos iniciais do ensino fundamental. O interesse por este objeto surgiu ao cursar a disciplina Educação Inclusiva, no Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores – CFP - da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, a partir de leituras, apresentação de projetos, vídeos e discussões referentes à inclusão escolar. Assim, nos foi possível perceber as dificuldades vivenciadas por professores que trabalham com alunos com deficiência tanto à parte didático-pedagógica, quanto às atitudes de docentes e outros sujeitos escolares mediante esses alunos nos processos de integração e socialização na escola.

Trabalhar com alunos com deficiência não é uma tarefa fácil, principalmente se o professor não tiver uma boa formação docente geral com um aprofundamento teórico e metodológico sobre a inclusão escolar. Considerando as dificuldades percebidas a partir das leituras e a formação não direcionada de modo específico para a educação inclusiva, é que decidi realizar esta pesquisa sobre tais dificuldades docentes. Deste modo, a nossa pretensão foi desenvolver conhecimentos que venham engrandecer a minha formação visando a minha prática docente futura.

Além da justificativa referente à minha formação e ao meu trabalho docente futuro, esta pesquisa também é justificada pela contribuição que possivelmente trará ao campo de estudo da educação inclusiva, pois a nossa intenção é produzir conhecimentos que venham melhorar o entendimento desta perspectiva educacional, relevante pedagogicamente para professores e alunos, e politicamente para a sociedade brasileira na atualidade.

Para muitas pessoas, a inclusão escolar e social ainda não é um tema claro, pois o preconceito e a discriminação para com pessoas com deficiência, por muitas vezes, ainda reina em alguns ambientes, tais como no ambiente escolar.

Neste sentido, segundo nos esclarece Sasaki, (2002, p.3):

O conceito de inclusão vem da ideia de que as pessoas nascem com diferenças que se acentuam e se modificam. Não há diferenças melhores ou diferenças piores. O que há é a diversidade humana. O uso de termos adequados para a referência a pessoas com deficiência é fundamental para não perpetuar conceitos equivocados ou obsoletos. [...] preocupados em não discriminar, muitos profissionais de comunicação superestimam as pessoas com deficiência. É importante manter em vista que pessoas com deficiência continuam sendo, antes de tudo, pessoas. Portanto, existem as más e as boas, as trabalhadoras e as preguiçosas, as honestas e as desonestas.

Cabe a cada um de nós respeitarmos e aceitarmos que cada pessoa é diferente, independente de apresentar deficiência ou não e que o fato de uma pessoa apresentar algum tipo de deficiência não impede que ela conviva em uma sociedade e que seja tratada com dignidade.

Os pais enfrentam dificuldades para matricularem seus filhos em algumas escolas, ao mesmo tempo observa-se que nem todas as instituições educacionais encontram-se preparadas estruturalmente para o acolhimento de pessoas com deficiência, em especial os cadeirantes.

Neste sentido, Miranda (2012) afirma que a escola deve oferecer bem mais que apenas o acesso aos seus alunos, é imprescindível que essa disponha também de um método de ensino qualificado para todos, atendendo as suas necessidades. Desta forma deve haver oportunidades para uma prática pedagógica eficaz respeitando as diferenças existentes nos alunos de forma geral, para isso é necessário o investimento na formação do professor para atuar em meio à diversidade contida em uma sala de aula, principalmente com a inclusão de alunos com deficiência. Já que inclusão é entendida como uma ação complicada e difícil, mas que deve ser acatado, acolhido e de forma alguma minimizado.

Neste sentido, para que a instituição escolar, de forma objetiva garanta uma participação e uma aprendizagem ativa dos seus alunos, é preciso que professores e gestores educacionais passem por um preparo, adquirindo um novo predicado eficaz no espaço escolar que garante melhora da qualidade de vida das pessoas com deficiência, iniciando pela chamada acessibilidade que deve estar sempre presente nos espaços físicos, facilitando a acolhida e o desempenho de alunos com deficiência.

De acordo com o Decreto nº 6.949, de 25-8-2009 (BRASIL, 2009), a pessoa com deficiência é aquela que apresenta bloqueios, dificuldades, limites, seja de caráter físico, mental, intelectual ou sensorial que podem dificultar a integração de modo igualitário da pessoa com deficiência com o meio social e com as demais pessoas. Neste sentido, essa pessoa enquadra-se em uma das seguintes categorias de deficiências: física, mental, auditiva, visual, múltipla.

Segundo Sasaki (2003) até a década de 80 termos pejorativos e ofensivos, tais como: aleijado, defeituoso, incapacitado e inválido eram usados com frequência para referir-se a pessoas que apresentavam algum tipo de deficiência. A partir de 1981, proclamado como Ano Internacional das Pessoas Deficientes, passa-se a discutir com maior destaque a questão do preconceito em relação a pessoas com deficiência, inclusive discute-se acerca da denominação preconceituosa para se referir a essas pessoas. Dessa maneira, aos poucos, se

começou a usar a expressão pessoa portadora de deficiência, logo após alguns anos foi alterado para portadores de deficiência. Na metade da década de 1990, outro termo passa a ser usado, dessa vez, pessoas com deficiência, que permanece até os dias de hoje. O preconceito era algo tão fortemente praticado que as discussões provocadas a partir de 1981 chegaram a provocar em algumas pessoas reações de surpresa e espanto diante da palavra pessoa, empregada na expressão pessoas com deficiência, já que para muitos, a pessoa com deficiência não era considerada uma pessoa.

No Brasil, considerando-se a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (ONU, 1975) e a Constituição Federal do Brasil (1988), é formalizada a inclusão educacional, tendo como respaldo o Capítulo III, Artigo 205, que define “a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p.117).

Ainda neste sentido, no ano de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no capítulo V, artigos 58 e 60, regulamenta a educação especial, destacando a inclusão da pessoa com deficiência na escola regular, afirmando ser dever do Estado garantir o acesso das pessoas com deficiência ao ensino, desde a educação infantil. (BRASIL, 1996),

Neste contexto o desenvolvimento da inclusão, no Brasil, tornou-se mais efetivo, e as pessoas com deficiência puderam passar a cursar o Ensino Regular em escolas regulares e em turmas regulares, mesmo assim, essa modificação não produziu uma alteração no currículo escolar e nem na formação e atuação docente, simplesmente os alunos deveriam adaptar-se ao grupo da escola. Assim sendo, as dificuldades prevaleceram em relação às condições e capacidades desses alunos com deficiência de seguir o ritmo de aprendizagem escolar dos outros alunos. (BRASIL, 2009).

A criança com deficiência também tem seus direitos relativos à escolarização assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente. No capítulo IV, Artigo 58, deste Estatuto, é assegurado o atendimento especializado de pessoas com deficiência, principalmente na rede regular de ensino. (BRASIL, 1990).

Além de todos os direitos adquiridos houve também as mudanças de termos. Segundo Sasaki (2002), não são adequados o uso dos termos Portadores de Deficiência, Portadores de Necessidades Especiais e Pessoas Portadoras de Deficiência, e sim Pessoas com Deficiência ou PcD. Usar o termo correto para referenciar pessoas com deficiência é essencial para não veicular julgamentos errados ou ultrapassados, para que desta forma diminuam os

pensamentos equivocados que existem até hoje em relação à presença de estudantes com deficiência nas escolas.

A partir de tais considerações sobre a inclusão escolar de pessoas com deficiência, elaboramos os nossos objetivos para esta pesquisa. Estes são:

Objetivo geral: Compreender as dificuldades vivenciadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência.

Objetivos específicos:

- 1) Identificar os principais desafios presentes na sala de aula do ensino fundamental, em relação à inclusão de alunos com deficiência;
- 2) Verificar as percepções dos professores acerca da inclusão escolar que orientam as suas práticas no Ensino Fundamental com alunos com deficiência;
- 3) Conhecer as ações desenvolvidas pelos docentes para suprir as necessidades de aprendizagem escolar dos alunos com deficiência.

Dessa forma, o texto monográfico encontra-se estruturado em três capítulos: O primeiro capítulo aborda a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Como referencial teórico, usamos alguns autores, como: Gonsalves (2012), Gil (2008), Moraes, (1999) entre outros. A modalidade de pesquisa utilizada foi à qualitativa, com pesquisa de campo, de base empírica, e de estudo descritivo.

O segundo capítulo teve os seguintes tópicos: uma breve reflexão sobre a educação inclusiva, deficiência: tipos e conceitos, inclusão e escola: os desafios, perspectiva e formação de professores que atuam na educação inclusiva, fundamentado em autores como: Rodrigues (2008), Oliveira (2011), Sasaki (2005), Miranda e Filho (2012) entre outros.

O terceiro capítulo tem nossas análises intituladas como: As Dificuldades enfrentadas pelos docentes no processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiências, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A análise conta com as perguntas e respostas das professoras entrevistadas dividida em três tópicos: as concepções docentes sobre deficiência, as dificuldades docentes frente à inclusão escolar e educação inclusiva, formação docente e a aprendizagem discente na educação inclusiva.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA

Entende-se por pesquisa em educação todo processo sistemático que suscita a construção de novos conhecimentos acerca de fatos, comportamentos, discursos e processos sociais para uma melhor compreensão da realidade educacional. Desse modo, a pesquisa é solicitada quando não se possui informações satisfatórias para contestar determinado problema, ou quando tais informações mostram-se de forma confusa, não se relacionando adequadamente ao objeto pesquisado.

Para Demo (*Apud* PRODANOV e FREITAS, 2013, p.42): “Pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem [...] sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento”. Diante de tal afirmação, o intuito desta pesquisa foi compreender melhor as dificuldades vivenciadas por professores no processo de ensino aprendizagem de alunos com deficiência, nos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola pública da rede municipal da cidade de São João do Rio do Peixe-PB, e desta forma construir novos conhecimentos, de acordo com a realidade destes alunos com deficiência, e de seus professores, acerca da inclusão escola.

É relevante ressaltar que pesquisa apresenta dois tipos de modalidade segundo a natureza dos dados: a quantitativa e qualitativa. A quantitativa é aquela que demonstra os resultados dos fatos, avaliando hipóteses por meio estatístico, através dos números. Já a qualitativa preocupa-se em compreender e interpretar melhor o objeto de estudo, através de levantamento de dados, envolvendo intensas observações, registrando detalhadamente acontecimentos de um ambiente, uma realidade, usando a interpretação e análise através de descrições e narrativas.

Dentro destas modalidades de pesquisa, escolhi a abordagem qualitativa para esta pesquisa. De acordo com Gonsalves (2012, p.68), “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”. Desta forma, pesquisa qualitativa é aquela que está sempre atenta para o entendimento e a explanação acerca de fatos que suscitam a uma abordagem interpretativa.

A escolha da abordagem de pesquisa qualitativa se deu no intuito de analisar as dificuldades docentes no processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiências nos

anos iniciais do Ensino Fundamental, para compreender as experiências vivenciadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência, verificando as percepções docentes acerca da inclusão escolar que orientam as suas práticas, e desta forma identificar e descrever os principais desafios presentes na sala de aula do ensino fundamental em relação à inclusão de alunos com deficiência, procurando conhecer as ações desenvolvidas pelos docentes para suprir as necessidades de aprendizagem escolar dos alunos com deficiência.

Para obter tais informações, escolhi a pesquisa de campo, de base empírica, e de estudo descritivo, que requerem do pesquisador uma série de conhecimentos sobre o objeto que pretende pesquisar. Para a descrição dos fatos da referida pesquisa, foi usado o estudo descritivo, que apresenta como finalidade a descrição de atributos de uma definida população. Como afirma Gil (2008, p.42): “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Desta forma pode-se dizer que a pesquisa descritiva é aquela que está ligada à coleta de dados, dando destaque aos questionários, entrevistas e observações, com o intuito de expor as características do objeto de estudo.

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório e analítico, pois pretende-se explorar um universo pouco estudado com a população da cidade de São João do Rio do Peixe- PB e analisar como o fenômeno educação inclusiva é praticado pelos professores de uma escola pública da rede Municipal. Neste sentido foram usadas para a coleta de dados entrevistas individuais na modalidade semiestruturada através de questionamentos fundamentados em teorias que estudamos e questões relacionadas ao objeto de pesquisa, a fim de obter resultados mais aprofundados. Para Triviños (*Apud* MANZINI, 2004 p.2), “a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e pressupostos que se relacionam ao tema da pesquisa”. Tais questionamentos possibilitaram analisar e compreender as dificuldades docentes em relação à inclusão escolar de alunos com deficiência, e ao mesmo tempo gerar novas hipóteses a partir das respostas dos informantes. Desse modo, a entrevista semiestruturada dá ao entrevistador a possibilidade para acrescentar outras perguntas, caso apareçam novos questionamentos ou o interesse em aprofundar questões já respondidas no decorrer da entrevista, como forma de enriquecimento para objeto pesquisado, além daquelas já predefinidas.

Os dados coletados nesta pesquisa foram processados e analisados com a análise de conteúdo. Esta técnica pode distinguir-se pela sua forma objetiva, sistemática e descritiva do conteúdo. Segundo Moraes, (1999, p 2): “A análise de conteúdo constitui uma metodologia de

pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos”. Assim, pretendeu-se com esta análise, interpretar as respostas dos entrevistados para alcançar um nível avançado de entendimento sobre suas concepções. Com relação à população estudada, foi montada uma amostra que se constituiu com quatro professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública do município de São João do Rio do Peixe-PB, sendo um professor do 1º ano, dois do 2º ano e um do 4º ano, pertencentes à mesma instituição.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Inclusão escolar consiste no acolhimento de todas as pessoas, sem exceção de cor, classe social, condições físicas e psicológicas no sistema de ensino das instituições escolares. Porém este termo inclusão escolar está associada mais usualmente à inclusão educacional de pessoas com deficiência física e mental dentro das escolas tidas com “normais”. Segundo Rodrigues (2008 p 21.):

A educação inclusiva é um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. Uma escola é inclusiva quando todos da equipe escolar – diretores, professores, secretaria, serviços gerais – participam ativamente desse projeto.

Assim, a inclusão educacional, tem como objetivo reestruturar culturas, práticas e políticas vividas nas escolas respeitando sempre as diferenças dos alunos. Desta forma uma escola pode ser considerada inclusiva quando todos que fazem parte do grupo escolar tornam-se participantes ativos da ação inclusiva, tendo como compromisso, gerar mudanças de modos discriminatórios, trabalhando contra o preconceito, as desinformação, que induzem as pessoas a terem atitudes negativas em relação aos alunos com deficiência.

Neste sentido a finalidade da inclusão educacional é trazer para a escola a diversidade, porém apenas como uma forma de mostrar que ser diferente é normal e não um problema. Assim como nos relata Santos (2015) o objetivo da Educação Inclusiva é incluir pessoas que apresentam deficiências dentro da instituição escolar vista como escola regular, mostrando as diferenças não como dificuldades, mas como uma diversidade presente no processo de ensino aprendizagem, salientando que é dever do sistema educacional garantir uma educação de qualidade para todos, reverenciando sempre as diversificações e as dificuldades que cada um apresenta.

Assim como a inclusão escolar tem sido uma grande batalha, incluir pessoas com deficiência no meio social também tem instigado intensas discussões sobre a criação de uma sociedade igualitária. Como nos narra Oliveira (2011, p.5):

O princípio de respeito à diversidade e à igualdade de direitos nos serviços de saúde, educação, transporte, lazer, cultura, trabalho, dentre outras, alimenta cada vez mais a ideia de que se faz necessário não apenas adequar às estruturas dos ambientes, eliminando barreiras físicas, mas, também, estimular atitudes pessoais que oportunizem a participação social desse grupo.

Neste sentido o respeito à diversidade e a igualdade é base da inclusão, pois somente com esta atitude passaremos a perceber que temos direitos iguais. É para a concretização dessa igualdade, que vários âmbitos sociais, e organizações do governo e outras não governamentais vêm lutando por obras que garantam os direitos e a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

Entretanto, de acordo com Ramos (2010), ainda podemos nos deparar com ocasiões em que pais de pessoas com deficiência impedem seus filhos de conviverem no meio social. Contudo atitudes como estas além de ser um ato cruel é também considerado crime, porque desta forma estará usurpando a vida daquela pessoa que teria capacidade de desenvolver-se, e ser feliz a sua maneira, porém em muitos casos, esse tipo de comportamento familiar acontece como uma forma de proteger a pessoa com deficiência das ações negativas geradas pela sociedade, pois, os pais sabem a batalha que terão que enfrentar quando se tem em casa um filho com deficiência. Pois mesmo com o avanço da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, e uma visão positiva sobre a deficiência, ainda se tem a imagem de pessoas com deficiência ligada a pessoas doente.

Segundo Godoy (2000), apesar de todas as leis que já foram instituídas para garantir os direitos das pessoas com deficiência, que já é uma grande vitória, muitas dessas pessoas ainda não têm acesso a esses direitos pertencentes a todos, como: educação, saúde, trabalho, locomoção, transporte, esporte, cultura e lazer. Muitas vezes nós praticamos a exclusão deixando de lado o que acreditamos ser diferentes. Por isso, é preciso conhecer as pessoas que se apresentam em nosso convívio social, que por muitas vezes são excluídas por nossos atos, para que assim tenhamos uma sociedade democrática, com a criação de uma nova ordem social, a qual inclua todos no mundo dos direitos e deveres.

Desta forma é relevante conhecer a vivência das pessoas com deficiência, suas expectativas, necessidades, alternativas, refletindo sempre sobre suas dificuldades e conquistas, levando em conta a possibilidade de efetivação dos seus direitos: recursos simples

e reais para que possam ingressar nas salas de aula; tenham boa assistência à saúde; e possam chegar a uma boa qualificação profissional.

Para a concepção da educação inclusiva, vários documentos e leis foram criados no intuito de assegurar os direitos e deveres de todos de forma igualitária. Sendo assim, as pessoas com deficiência passaram a obter o seu lugar na sala de aula no ensino regular. O exemplo disso é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de nº 9.394, prorrogada em 20 de dezembro de 1996, destaca no que no seu Art. 59, nos incisos I, e III garante que os sistemas de ensino assegurarão aos alunos com deficiência os seguintes direitos:

Inciso I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

Inciso III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; (BRASIL. 2013, p. 55, Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

A Educação Inclusiva teve um grande marco, que foi a Declaração da Salamanca, que de acordo com o portal do MEC, foi uma Conferência Mundial de Educação Especial ocorrida em Salamanca, Espanha, em junho de 1994, tendo como objetivo a criação de um acordo para com a Educação, vigorando a educação para todos, conhecendo a precisão e a urgência de fornecer educação para crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino. Neste sentido pode-se ressaltar que a declaração da Salamanca foi criada a fim de incluir pessoas com deficiência nas escolas consideradas como regulares.

2.2 DEFICIÊNCIA: TIPOS E CONCEITOS

De acordo com o Decreto Nº 3.298, (BRASIL, 1989), Art. 3º, Capítulo I, inciso I, considera-se: “deficiência toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”. Sendo assim o termo pessoa com deficiência pode ser usado para referir-se a indivíduos que apresentem uma deficiência ininterruptamente.

Entretanto existem diferenças entre deficiência permanente e incapacidade, Ainda no Decreto Nº 3.298, Art. 3º, Capítulo I, os incisos II e III, apresentam as definições de cada um mostrando essa diferença.

Inciso II - deficiência permanente - aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos;

Inciso III - incapacidade - uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que as pessoas deficiência possam receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem-estar pessoal e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida.

Sendo assim, entende-se por deficiência permanente quando a pessoa apresenta uma deficiência que não tem cura, ou seja, por mais que faça qualquer tipo de tratamento, a deficiência não irá desaparecer. Já a incapacidade é apenas uma insuficiência de integrar-se ao meio social, porém pode ser suprida com a ajuda de recursos que permitam exercer atividades necessárias para seu desenvolvimento na sociedade. BRASIL (1999)

De acordo com o INCLUI: Programa de Inclusão Social, deficiência divide-se em duas origens, congênita ou adquirida, com causas diferentes. Deficiências congênitas são aquelas contraídas ainda na barriga da mãe ou mesmo após o parto, no primeiro mês de vida, como por exemplo: cegos de nascença, deficientes intelectuais, deficiência física como encurtamento de pernas ou nanismo, entre outros. Deficiência adquirida é aquela que ocorre após o nascimento e pode acometer o indivíduo em diversas fases da vida, constituindo causas traumáticas e não traumáticas, tais como: acidente vascular encefálico, tumores, processos degenerativos, acidentes de trânsito, agressões por armas de fogo, quedas, mergulhos dentre outras.

O Ministério da saúde também nos esclarece um pouco mais sobre a origem de alguns casos de deficiências, que podem ser considerados: genéticos, surgindo na gestação, consequência do parto ou nos primeiros dias após o nascimento do bebê. Em outros casos também, podem gerar-se de doenças transmissíveis ou crônicas, perturbações psiquiátricas, desnutrição, abusos de drogas, traumas e lesões. No entanto existem medidas de prevenção que podem evitar estes casos de deficiência, entre eles destaca-se: exames pré-natais e pós-natais, como os testes da orelhinha e do pezinho, através destes testes constata, se desenvolvimento alguma doença genética na criança. Na hora do parto, é relevante o cuidado contra a asfixia do bebê, para que assim a criança não apresente consequências neurológicas e

atraso de desenvolvimento futuramente, após o parto existe o risco do surgimento de infecções que resultam em meningite e lesão do sistema nervoso central.

De acordo com o Manual de Redação da Mídia Inclusiva (2011), a deficiência divide-se em cinco categorias: sensorial, física, intelectual, múltipla e psicossocial.

A. Deficiência sensorial: encaixam-se aquelas relacionadas aos sentidos como:- audição e visão.

- Deficiência Auditiva: refere-se a pessoas que não escutam, de forma parcial ou totalmente, sem explicitar as medidas da perda auditiva.
- Deficiência Visual: é aquela a qual a gravidade visual é igual ou menor que 0,05 no olho mais perfeito, com a melhor correção óptica.

B. Deficiência física: engloba apenas aos aspectos físico e motor, como ausência de membros, paralisias, entre outras causas, apenas aquelas que se relacionam as dificuldades de movimentação.

C. Deficiência Intelectual: a deficiência intelectual não é uma doença, é um sintoma. Por isso uma pessoa que apresente esse tipo de deficiência não pode ser classificada de forma isolada, mas, de acordo com apoios que recebe para seu total desenvolvimento social, profissional ou estudantil.

D Deficiência Múltipla: É a junção de uma ou mais deficiências na mesma pessoa.

E. Deficiência Psicossocial: Também conhecida como deficiência psiquiátrica ou deficiência por saúde mental, esta deficiência caracteriza-se pela ansiedade psíquica, coligado a quadros a casos depressivos, síndrome do pânico, esquizofrenia, transtornos de personalidade, autismo, etc.

Segundo Sasaki (2005) A deficiência Intelectual ou mental como é mais conhecida pode ser classificada nos seguintes níveis: Leve, Moderado, Severo, ou Profundo:

- LEVE: a deficiência intelectual de nível leve é aquela que a pessoas que apresenta tem a capacidade de desenvolver habilidades escolares e profissionais. Embora precisem de certa ajuda e orientação em circunstâncias diferentes de sua realidade social.
- MODERADO: a pessoa que apresenta a deficiência intelectual em nível moderado tem habilidade insuficiente para desenvolver-se socialmente. Contudo poderá conservar-se economicamente por meio de programas supervisionados de trabalho.
- SEVERO: no nível severo as pessoas com essa deficiência, expõem insuficiência de motricidade e dificuldades na fala.

- **PROFUNDO:** As pessoas com a deficiência no nível Profundo apresentam um profundo retardo e mínima aptidão sensorial motora.

Sasaki (2005, p.1) destaca a importância do uso de termos corretos para referir-se a pessoa com deficiência, “No Brasil, tem havido tentativas de levar ao público a terminologia correta para uso na abordagem de assuntos de deficiência a fim de que desencorajemos práticas discriminatórias e construamos uma verdadeira sociedade inclusiva”. Para que assim, diminua o preconceito e a discriminação para com pessoa com deficiência, tornando uma educação e uma sociedade inclusiva.

2.3 INCLUSÃO E ESCOLA: os desafios, perspectiva e formação de professores que atuam na educação inclusiva.

São muitos os desafios vivenciados pelos docentes diante da educação inclusiva, principalmente com a inclusão de pessoas com deficiência na escola, pois para muitos a diferença ainda se mostra como desigualdade. Como nos relatam Silva, Vilela e Oliveira (2012) a ação inclusiva é um desafio no qual ainda percebem-se atitudes negativas acerca da deficiência, por isso ainda nos deparamos com crianças que apresentam deficiência e que estão fora da escola, por conta da falta da acessibilidade de algumas instituições escolares, turmas volumosas, necessidade financeira, discriminação, e em muitos casos existem crianças com deficiência totalmente dependente de seus pais ou de cuidadores. Pode-se destacar também que muitos professores não estão qualificados adequadamente para lidar com este desafio e por muitas vezes não têm consciência do papel que exerce na vida das crianças com deficiência.

Desta forma, para que o professor possa entender como exercer suas práticas pedagógicas de forma adequadas e inclusivas, é necessária uma formação para trabalhar com a inclusão e ressignificar o seu trabalho. Segundo Fávero (*Apud* MIRANDA e FILHO, 2012, p 11.):

É, justamente, o de repensar e ressignificar a própria concepção de educador. Isto porque, o processo educativo consiste na criação e no desenvolvimento de “contextos” educativos que possibilitem a interação crítica e criativa entre sujeitos singulares, e não simplesmente na transmissão e na assimilação disciplinar de conceitos e comportamentos estereotipados.

Neste sentido, a formação de professores em relação à educação inclusiva apresenta-se como uma maneira do professor refletir sobre suas práticas educativas, acerca de alunos que demonstram dificuldade ou deficiências nas suas habilidades, procurando ser um professor que não apenas transmite o conhecimento, mas que dê a seus alunos a oportunidade de criar e de mostrar suas habilidades, pois é através desta formação que o docente deve repensar suas atitudes, e passar para os seus alunos em geral uma imagem realista e sem preconceitos do que seja a pessoa com deficiência, ensinando-os a aceitar as diferenças. Como nos afirma Bock (*Apud*. SILVA, VILELA e OLIVEIRA 2012, p.2): “Nossas atitudes podem ser modificadas a partir de novas informações, novos afetos ou novos comportamentos ou situações”.

Desta forma, a partir do momento que o professor passa a adquirir novos conhecimentos sobre a inclusão, suas atitudes e comportamento irão mudar, tornando-se assim mais fácil lidar com situações que acontecem dentro da escola inclusiva. Entretanto, em alguns casos, nem sempre a formação de professores poderá transformar a ação docente acerca do relacionamento entre o professor e o aluno com deficiência. Como nos asseveram Basto, Ribeiro e Carneiro (*Apud*, SILVA, 2011, p. 19): “A maioria dos cursos de formação de professores pouco contribui para que a prática dos docentes se modifique em relação aos estudantes que tem algum tipo de necessidade educacional especial”. Ou seja, nem todos os cursos de formação para professores da educação inclusiva trarão transformações de pensamento e de comportamento do docente para com o aluno com deficiência, alguns não colaborarão para o aperfeiçoamento da prática docente dentro da escola inclusiva.

Diante disso, Silva (2011) nos relata que para que ocorra essa modificação de métodos e pensamento dos docentes na educação inclusiva, é imprescindível que a escola faça uma reformulação no seu currículo escolar pronunciando novas metodologias de ensino que possibilite aos docentes uma assimilação de capacidades indispensáveis para trabalhar com as provocações de uma nova realidade. Pois o professor é o elemento fundamental para fazer a inclusão realmente acontecer e para isso é preciso que se sinta habilitado para operar com aptidão junto aos seus alunos, porém deve contar com o apoio e orientação para que aja de forma segura e não se sinta sozinho. Neste sentido, através da educação inclusiva, os professores podem ter a oportunidade de aperfeiçoar seus métodos de ensino, aprimorando suas experiências, como nos relatam Silva, Vilela e Oliveira (2012, p.8):

[...] através da inclusão, os professores podem melhorar sua prática educativa, mediante o trabalho em equipe, a troca de experiências e

saberes, podendo contar ainda, com um apoio psicológico, vinda dos colegas de profissão. A educação inclusiva proporciona aos professores experiências impar, que possibilitam seu crescimento profissional e pessoal.

A inclusão educacional pode oportunizar ao professor um desenvolvimento na sua formação profissional e na construção de sua personalidade, criando um aperfeiçoamento em suas práticas pedagógicas através de uma ação em equipe com troca de conhecimentos e experiência. Mas para que isso aconteça, sugere-se uma formação docente que mostre a diversidade e as novas práticas pedagógicas que venham suprir distintas experiências e situações que acontecem na sala de aula. Porém, nem sempre os professores conseguirão realizar, sozinhos, mudanças no seu modo de planejar aulas e de preparar um currículo que considere as principais necessidades de ensino aprendizagem dos seus alunos, para isso é necessário um grupo que lhe ajude de forma satisfatória.

Segundo Morais (2016), a Educação Inclusiva recomenda a conscientização de direitos e valores, pois é no âmbito escolar que a criança e o adolescente passam a habituar-se a um espaço com várias pessoas distintas uma das outras, aprendendo a conviver em uma sociedade diferente do convívio da família. Desta forma enfatiza-se um processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência, estimando trabalhar com as diversificações e suas relevâncias, oferecendo a todos, as características imprescindíveis para que se tornem cidadãos ativos, participativos e autônomos, cooperando para o exercício da cidadania e para a efetivação do processo de inclusão na escola e no meio social.

O papel da escola nos dias atuais é de ser um espaço que ofereça acolhimento aos seus alunos e que seja um lugar frequentado por prazer, proporcionando um processo de ensino e aprendizagem de qualidade e possibilitando uma convivência harmoniosa, trabalhando sempre com a diversidade, criando assim um novo modelo de escola chamada escola inclusiva, sem discriminação de raça, qualidades física, mental, social ou cultural.

Segundo Glat (*Apud* VIOTO E VITALIANO, 2012, p.4):

A educação inclusiva significa um novo modelo de escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem. [...]. A proposta de educação inclusiva implica, portanto, um processo de reestruturação de todos os aspectos constitutivos da escola, envolvendo a gestão de cada unidade e os próprios sistemas educacionais.

Diante do que descreve esse autor, ressalta-se a relevância da escola desenvolver uma nova proposta de ensino, criando além de novas práticas pedagógicas, também um espaço

institucional que supra as necessidades de todos, inclusive daqueles alunos que apresentam deficiência, seja ela qual for.

Para Fávero (*Apud* CASTILHO, 2009, p. 6) a escola “é o espaço privilegiado da preparação para a cidadania e para o pleno desenvolvimento humano”. É na instituição escolar que o aluno deve aprender a exercer sua cidadania, criando um desenvolvimento de caráter e ética o qual ajudará a viver em harmonia em uma determinada sociedade a qual pertence, respeitando as diversidades, excluindo o preconceito e a discriminação existente dentro e fora da escola, criando um pensamento convicto de que as pessoas podem ser diferentes, mas isso não as impede de conviver bem em um meio social.

Castilho (2009) ressalta que a educação inclusiva de pessoas com deficiência tem posto as escolas em confronto com o meio social. Por isso em meio aos obstáculos que surgem com trabalhar com as diversidades em sala de aula, muitas escolas ainda implicam em trabalhar com a Educação Especial, ministrada em lugares adaptados, para acolher apenas alunos com deficiências de maneira especial.

Educação inclusiva incide constituir uma escola cordial, sem existência de críticas ou exigências ligadas a discriminação ou preferência de alunos, todos devem ser tratados da mesma forma, dando ênfase a diferenças. Segundo Aranha (*Apud* ANDRADE e GOMES, 2012, p.1) “escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”. Desta forma a escola poderá trabalhar a educação inclusiva de maneira democrática, atendendo as necessidades de seus alunos para um bom desempenho no ensino aprendizagem.

Porém para que se der a construção de uma escola que seja um espaço que alcance suprir as necessidades de todos os alunos tem sido um grande desafio, como nos relata Beyer (*Apud*, VIOTO e VITALIANO, 2012, p.5):

O desafio é construir e por em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. Ao contrário pondo em andamento na comunidade escolar, uma conscientização crescente dos direitos de cada um.

Tornar-se uma escola inclusiva, para todos, não é uma tarefa fácil, existe um grande desafio que é construir e por em exercício no espaço formal, uma metodologia que seja adequada para todos os alunos, porém que possa acolher aqueles que requeiram uma prática

pedagógica diferente. No entanto, toda essa prática deve ser executada sem a presença de nenhum tipo de preconceito passando para todos participantes da instituição escolar, a consciência dos direitos de cada pessoa possui e que deve ser respeitado.

CAPITULO III

Análises

3 As Dificuldades enfrentadas pelos docentes no processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiências, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No intuito de compreender as dificuldades vivenciadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência de uma escola da rede pública municipal da cidade de São João do Rio do Peixe-PB, foram feitas entrevistas individuais com quatro professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo um professor do 1º ano, dois do 2º ano e um do 4º ano, pertencentes à mesma instituição. As entrevistas, na modalidade semiestruturada, foram organizadas a partir de um roteiro de questões fundamentadas e relacionadas ao objeto e aos objetivos desta pesquisa, com perguntas direcionadas ao assunto pesquisado. As questões das entrevistas foram colocadas e respondidas de forma oral. O registro das respostas das docentes se deu de modo escrito, sendo tais respostas curtas e pontuais.

Os dados coletados foram processados e analisados através da análise de conteúdo, e organizados em três tópicos, intitulados da seguinte maneira: primeiro tópico: As Concepções Docentes sobre Deficiência e Educação Inclusiva; segundo tópico: As Dificuldades Docentes frente à Inclusão Escolar; e terceiro tópico: Formação Docente e a Aprendizagem Discente na Educação Inclusiva. Para preservar a identidade das entrevistadas, as suas falas descritas neste capítulo serão identificadas como sendo da **Professora 01, Professora 02, Professora 03 e Professora04.**

3.1 As Concepções Docentes sobre Deficiência e Educação Inclusiva

Neste tópico apresentaremos as concepções das docentes entrevistadas sobre deficiência e educação inclusiva. A primeira pergunta feita as professoras refere-se ao que elas entendem por deficiência. Obtivemos as seguintes respostas:

A **Professora 01** respondeu: “A deficiência é o estado em que as pessoas se encontram, uma incapacidade ou anormalidade que limita o indivíduo”. Já a resposta da **Professora 02** foi a seguinte: “Existem vários tipos de deficiência, que impedem o indivíduo de desenvolver suas habilidades e capacidade de maneira específica”. A concepção da

Professora 03 foi a seguinte: “Deficiência é uma insuficiência da função psíquica ou intelectual em um indivíduo”. A **Professora 04** disse: “Deficiência é um termo usado para definir a ausência ou a insuficiência de um órgão ou de uma função psicológica ou intelectual”.

De acordo com o Decreto N° 3.298, Art. 3º, Capítulo I, inciso I, considera-se como deficiência “toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”. (BRASIL, 1989, p.01).

Analisando as repostas da primeira questão percebe-se que as suas concepções de deficiência são semelhantes às concepções adotadas em documentos oficiais, como o colocado acima. Porém, é clara uma negatividade nas concepções das professoras sobre o conceito de deficiência, pois as **professoras 01 e 02** definem deficiência como uma anormalidade e incapacidade que limita o indivíduo, impedindo-o de desenvolver suas habilidades, entretanto, a pessoa com deficiência apresentam sim algum tipo anormalidade ou incapacidade. Mas, se a deficiência não for permanente e severa o indivíduo tem a capacidade de desenvolver suas habilidades e integrar-se no meio social, com ajuda de equipamentos, adaptações, ou recursos especiais, assim tendo a possibilidade, se tiver oportunidade, de desempenhar funções ou atividades que lhes são possíveis.

Já a **Professora 03** e a **Professora 04** conceituam deficiência como uma insuficiência e ausência de órgão, contudo esta insuficiência foi atribuída apenas na parte psíquica e intelectual do indivíduo, esquecendo a existência dos outros tipos de deficiência, tais como: a física, sensorial e múltipla.

Na segunda questão, indagamos sobre o conceito de educação inclusiva. As repostas foram as seguintes:

A **Professora 01** fez a seguinte afirmação: “É a integração dos alunos com deficiência na sala de aula, para que eles interajam com outras crianças que não apresentam deficiência”. A **Professora 02** disse: “São crianças especiais incluso na sala de aula regular”. A **Professora 03** respondeu: “É um processo em que se implica a participação de todos os alunos nos estabelecimentos de ensino regular”. Já a **Professora 04** deu a seguinte definição: “É um processo onde é inserida a participação de todos os estudantes nos estabelecimento de ensino regular”.

Sobre a educação inclusiva, Rodrigues (2008, p. 21) nos apresenta o seguinte conceito:

A educação inclusiva é um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de

uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. Uma escola é inclusiva quando todos da equipe escolar – diretores, professores, secretaria, serviços gerais – participam ativamente desse projeto.

Nas respostas à segunda questão percebe-se que embora não haja descrição a respeito dos objetivos que embasam a educação inclusiva e nem haja referência à inclusão escolar de outros alunos com outra singularidade que não seja a deficiência, há entendimento por parte das entrevistadas na ocasião em que eles citam no conceito de educação inclusiva palavras como: interação, integração, participação e processo. A **Professora 01** e a **Professor 02** atribuem à educação inclusiva a inclusão de alunos com deficiência na escola regular, dando ênfase à interação destes alunos.

Neste sentido as professoras demonstram seus entendimentos sobre a inclusão, pois a educação inclusiva trata-se exatamente da integração de alunos com deficiência na escola tida como normal, visando interação desses alunos, embora trate da inclusão de alunos com outros tipos de singularidade. Já a **Professora 03** e a **Professora 04** definem a educação inclusiva como um processo que necessita da participação de todos os alunos com e sem deficiência. Assim como nos relata o autor acima citado, para que a educação inclusiva se realize é essencial à participação de todos, entretanto não só dos alunos, mas também de todo corpo docente e administrativo que forma a instituição escolar.

A terceira questão foi sobre qual a deficiência apresentada por cada aluno que elas atendem. As respostas dadas foram as seguintes:

A **Professora 01** deu a seguinte resposta: “Eu tenho um aluno com Síndrome de Down”. A **Professora 02** respondeu: “Tenho uma aluna especial que não fala, não escreve, só risca, e não pega no lápis direito e tem horas que ela fica muito agitada”. A **Professora 03** nos disse: “O aluno o qual trabalho possui déficit de atenção e deficiência mental”. A **Professora 04** respondeu da seguinte forma: “Não tenho muita certeza da deficiência que ele tem porque não tive acesso ao diagnóstico médico dele, porém a mãe afirma que é autismo”.

De acordo com o Manual de Redação - Mídia Inclusiva, publicado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2011, p.6), a deficiência define-se por 05 categorias.

[...] sensorial (relacionada aos sentidos - audição e visão); física (relacionada aos movimentos, não importa a origem e a gravidade da lesão); intelectual (relacionada ao funcionamento das atividades cerebrais que se expressam na chamada inteligência), múltipla (mais de um tipo de deficiência na mesma pessoa) e psicossocial (transtorno psiquiátrico).

Ao analisar as respostas das professoras sobre a terceira questão foi possível perceber que quase o total das professoras entrevistadas não conhece a deficiência do aluno o qual atende, pois apenas a **Professora 01** falou com convicção que a deficiência do seu aluno trata-se de Síndrome de Down. Este tipo de deficiência associa-se a deficiência intelectual que pode ser moderada ou leve, desta forma a pessoa pode apresentar alguns problemas para desenvolver suas habilidades cognitivas e no desenvolvimento físico, como de aparência facial, mas pode ter um grande desenvolvimento intelectual e motor, pois são vários os casos colocados na mídia de pessoas com essa síndrome que estudam, chegando a concluir o curso superior e desenvolvem diversos tipos de atividades, além de ter uma vida amorosa e sexual.

Na resposta da **Professora 02** percebe-se que a mesma não conhece a deficiência da sua aluna e apenas descreveu os sintomas apresentados pela criança: “Não fala, não escreve, só risca e não pega no lápis direito e têm horas que fica muito agitada”. Nesse caso, de modo mais específico devido ao grau da deficiência dessa aluna, torna-se difícil trabalhar com essa criança o seu processo de inclusão e de aprendizagem se nem mesmo sabe ao certo qual é a deficiência e o grau da deficiência da sua aluna.

A **Professora 03** define a deficiência do seu aluno como déficit de atenção e deficiência mental, desta forma apresenta dificuldades para entender as tarefas realizadas e para desenvolver-se na aprendizagem. Já a **Professora 04** expõe dúvidas ao relatar que não teve acesso ao diagnóstico médico do seu aluno. Todavia, de acordo com a definição da mãe da criança, dita pelo professor sem muita convicção, a deficiência apresentada pelo aluno é autismo. Este tipo de deficiência define-se por deficiência psicossocial, também conhecida como psiquiátrica.

A quarta pergunta foi sobre a concepção dos sujeitos a respeito de como deve ser um professor de educação inclusiva.

A **Professora 01** respondeu da seguinte maneira: “O professor deve ser capacitado primeiro para só depois receber esses alunos”. Já a **Professora 02** disse: “O professor tem que ter uma preparação boa para trabalhar com cada aluno”. A concepção da **Professora 03** é a seguinte: “Os professores devem ser preparados e qualificados para trabalhar com alunos com deficiência”. E a **Professora 04** afirmou: “É necessário e essencial que seja profissional com formação em pedagogia e de preferência com especialização psicológica”.

De acordo com Silva; Vilela e Oliveira, (2012, p.8):

Espera-se assim, que o professor entenda que o conteúdo ensinado, precisa ser de total significação para a vida de seu aluno, usando sempre

de crítica para discernir quando este terá dificuldade para transferir o que lhe foi ensinado. A autocrítica é um instrumento que o professor pode utilizar para melhorar sua forma de ensinar, caso esta não esteja contemplando as necessidades de seus alunos, pois a principal preocupação do professor não pode basear-se em dar apoio à criança especial, mas de tornar o currículo adequado a todos os alunos, lembrando sempre que a aprendizagem realizada será diferente para cada indivíduo.

Nesta questão quando se analisa as respostas dos professores sobre como deve ser o professor da educação inclusiva, vê-se a positividade e a vontade de fazer o certo na concepção dos docentes entrevistados e ao mesmo tempo as dificuldades enfrentadas por eles por falta de capacitação e preparação. A totalidade das professoras entrevistadas responderam que para atuar na educação inclusiva é necessário que o docente tenha preparação, capacitação e qualificação, porém apenas a **Professora 04** definiu como deveria ser a formação docente necessária para atuar na educação inclusiva. Este disse que é essencial uma formação em Pedagogia, e de preferência, que tenha especialização em psicologia, referindo-se, possivelmente, ao curso de especialização em psicopedagogia, curso esse ministrado por faculdades particulares que atuam na região onde se localiza a escola em que trabalha. Isso mostra o quanto os professores que atuam na educação inclusiva necessitam de uma formação, pois, o educador é o membro essencial para que a educação inclusão realmente aconteça, sendo assim é preciso que esse professor se sinta credenciado para atuar com competência com seus alunos.

Após analisar as respostas citadas acima se percebe que os professores entrevistados apresentam certa carência em relação ao conhecimento dos tipos de deficiência, sendo assim não conseguem identificar de maneira precisa a deficiência apresentada pelo aluno o qual atende. Desta forma torna-se árduo a descoberta das habilidades e criatividade que as crianças com as quais lidam, possuem. Embora as educadoras aqui indagadas tenham mostrado um bom conhecimento sobre a educação inclusiva e de como deve ser o professor para atuar na escola inclusiva, seus conhecimentos sobre as deficiências torna-os despreparados para trabalhar de maneira correta com o aluno com deficiência.

3.2 As Dificuldades Docentes frente à Inclusão Escolar

Este segundo tópico trata das dificuldades enfrentadas pelas professoras entrevistadas frente à Inclusão Escolar, com as seguintes perguntas: de início perguntamos as professoras se

elas têm recebido alguma preparação específica para trabalhar com alunos com deficiência. As respostas foram as seguintes:

A **Professora 01** nos disse: “Fiz especialização há três anos, porém o que vi foi de uma forma teórica, em uma breve explanação, ou seja, pouco tempo para conhecer os tipos de deficiência. A escola não oferece nenhum tipo de preparação específica para atuar na educação inclusiva.”. As **Professoras 02 e 03** responderam: “Não”. A **Professora 04** nos afirmou que a única preparação que teve foi “apenas as informações obtidas na formação acadêmica.”.

Percebe-se que a falta de formação para o trabalho com a educação inclusiva e de informação específica sobre deficiência por parte dos professores pode tornar-se um empecilho para a inclusão do aluno com deficiência na sala de aula. Neste sentido observa-se a relevância da escola em oferecer uma formação para os professores na área de educação inclusiva, para que assim a ação docente aconteça de maneira adequada com metodologias e materiais pedagógicos que aumentem a integração dos alunos com deficiência na escola. Aliás, ter algum tipo de formação específica sobre deficiência e educação inclusiva deveria ser um critério adotado pelas escolas que trabalham com a inclusão. Se em toda atividade docente o professor necessita ter formação, na educação inclusiva essa formação ainda é mais necessária porque a complexidade e dificuldade do trabalho são amplas.

Sobre essa questão da formação docente para o professor da educação inclusiva, Silva; Vilela e Oliveira, (2012, p.8) relatam o seguinte: “[...] formação dos professores dá condições necessárias para que as práticas integradoras sejam positivas, pois o professor ao se sentir pouco competente pode vir a desenvolver além de expectativas negativas, menor interação e atenção dos alunos”.

Desta forma, compreende-se que a formação docente específica pode colaborar com a capacitação de professores para trabalhar com a educação inclusiva adequadamente, tanto do ponto de vista pedagógico quanto do ponto de vista de favorecer a socialização e o desenvolvimento dos alunos com deficiência. Em outras palavras, a formação docente específica para o trabalho com alunos com deficiência na perspectiva da educação inclusiva é de fundamental importância.

Analisando as respostas desta questão nota-se que metade dos professores entrevistados não participou de nenhum processo de preparação para atuar na educação inclusiva. Os demais entrevistados apenas se referiram à formação falando sobre informações obtidas através de formação acadêmica não específica, com apenas pequenas explanações, de forma teórica, com pouca oportunidade de adquirir conhecimentos mais diretos sobre todos os

tipos de deficiências e sobre como atuarem como professores com alunos com deficiência. Todos os entrevistados ainda acrescentam que a escola não oferece formação para os professores da educação inclusiva. Sendo assim, constata-se que os professores entrevistados não tiveram uma formação adequada para receberem os alunos com deficiência que a escola dispõe, passando a conviver com as dificuldades encontradas no âmbito escolar.

Na questão seguinte perguntamos as professoras sobre as dificuldades enfrentadas por elas para o desenvolvimento do processo de ensino do aluno com deficiência e como lidam com esta dificuldade.

Na ocasião, a **Professora 01** deu a seguinte resposta: “São várias as dificuldades, entre elas salas superlotadas, falta de material pedagógico e outros. Entretanto para suprir essas necessidades procuro sempre estudar em casa e pesquisa sobre a deficiência que apresenta o aluno o qual trabalho para que assim possa ajudá-lo de forma correta”. A **Professora 02** disse: “Há varias dificuldades, principalmente pelo fato de que o aluno o qual atendo não fala e não tem coordenação motora”. A **Professora 03**: “Uma das maiores dificuldades são fatos da não disponibilidade de materiais adequados para suprir a deficiência que cada aluno apresenta a falta de qualificações aos docentes para trabalhar com esses discentes com deficiência”. Para a **Professora 04**: “As maiores dificuldades é a demanda de profissionais qualificados para atender principalmente aos alunos com maior carência de suporte pedagógico especial. Portanto, a escola não se dispõe desse pessoal”.

Percebe-se que os desafios vivenciados pelos docentes para trabalharem com alunos com deficiência são amplos, por isso há necessidade de melhorias nas práticas pedagógicas, e preparação para os professores atuarem na educação inclusiva.

Como nos relata Stainback (Apud. SILVA, VILELA E OLIVEIRA, 2012, p.7):

[...] é necessário um bom planejamento para organizar a vida cotidiana da escola, e uma reflexão com o objetivo de melhorar ou modificar a prática pedagógica ali desenvolvida, pois é por meio desses instrumentos de organização do trabalho escolar e da consciência de todos, que conflitos podem ser superados e o sistema escolar adaptado com mais facilidade [...].

Sendo assim, torna-se essencial que a escola organize seus hábitos diários, refletindo sobre como aperfeiçoar ou transformar seus métodos de ensino, para que assim possa desenvolver um bom trabalho, procurando sempre superar os problemas e facilitar a integração e adaptação dos alunos com deficiência, e também a sua aprendizagem, pois são esses os objetivos da escola em relação ao aluno com deficiência.

Analisando as respostas dadas pelas professoras compreendem-se as dificuldades vividas na sala de aula para a realização da ação inclusiva, pois as **professoras 01, 03 e 04** atribuem estas dificuldades à indisponibilidade de materiais pedagógicos necessários para a realização de atividades de forma adequada que ajudem no desenvolvimento da socialização e da aprendizagem de alunos com deficiência e esses professores ressaltaram também a falta de qualificação por parte dos professores.

Apenas a **Professora 02** atribui a principal dificuldade enfrentada na sala de aula à deficiência de seu aluno, pois em sua fala diz que existem várias dificuldades, mas a principal delas é o fato de que o aluno o qual atende não fala e não tem coordenação motora. Desta forma o professor assegura que a principal dificuldade encontrada na sala de aula está centrada na deficiência que o aluno que ele atende apresenta.

A outra questão perguntada aos professores foi a seguinte: De modo geral, como a escola que você trabalha prepara-se para ser uma escola inclusiva?

A **Professora 01** disse: “A escola está sempre aberta para receber qualquer aluno com deficiência e procura adequar as condições de cada necessidade”. A **Professora 02** relatou: “No momento ainda não tem uma sala específica para esse caso”. A **Professora 03** dá a seguinte resposta: “Acredito que a escola não esteja totalmente preparada para o acolhimento desses alunos, pois mesmo que se tente incluir, mas sempre vai faltar alguma coisa que dificulta o acesso e a aprendizagem desses alunos”. A **Professora 04** assegurou o seguinte: “Não existe, a escola conta apenas com as experiências acadêmica de alguns profissionais pedagogos em seu corpo docente”.

Para a edificação de uma escola inclusiva de qualidade é necessário não apenas inserir alunos com deficiência no ensino regular, mas lutar por mudanças estruturalmente, por uma melhor condição de ensino, adequando-se às necessidades do aluno com deficiência. Mas pelo que ouvimos das professoras, a escola onde trabalham não apresenta a realidade do que deve ser uma escola que preparada para a integração e a aprendizagem dos seus alunos com deficiência. Pois como bem diz Aranha (*Apud* ANDRADE e GOMES, 2012, p.1): “A escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”.

De acordo com as respostas dadas a esta questão, é possível encontrar algumas incoerências, pois enquanto a **Professora 01** diz que a escola está sempre aberta para receber qualquer aluno com deficiência e procura adequar-se às condições de cada necessidade, a **Professora 03** e a **04** asseguram que a escola não se encontra preparada para a inclusão, pois

além de contar apenas com as experiências acadêmicas de alguns professores, que não são específicas sobre as deficiências humanas e a educação inclusiva, ainda possui alguns empecilhos que dificultam o acesso e a aprendizagem destes alunos. Esses professores dão a entender que mesmo que a instituição esteja disponível para o recebimento de todos os alunos, ainda não se encontra totalmente preparada para acolher e para incluir os alunos.

Avaliando as respostas dos professores é possível notar o desejo que esses têm de mudanças na escola onde trabalham para tornar-se uma escola inclusiva. A **Professora 02**, respondeu apenas que no momento não existia uma sala específica para esse caso ao analisar sua resposta percebe-se que esta professora de fato confundiu-se com a pergunta,

Diante do que foi analisado compreende-se que as dificuldades docentes frente à inclusão não acontecem apenas pela falta de capacitação ou formação de professores, mas também pela necessidade de apoio pedagógico por parte da escola, como a indisponibilidade de materiais pedagógicos que possam suprir adequadamente as necessidades dos alunos e também dos professores, e um espaço escolar insuficiente para o acolhimento de todos os discentes. Mesmo com todas as dificuldades, a escola, de acordo com a fala dos professores, mostra uma disponibilidade para a ação inclusiva, no sentido em que recebe crianças com deficiência, mas não se apresenta totalmente preparada para inclusão de maneira adequada. Há um desejo de mudanças por partes dos docentes que trabalham com a educação inclusiva. Desta forma, mesmo que a inclusão não aconteça por completo, do jeito que deveria ser, mesmo que a escola não se encontre totalmente preparada para o acolhimento dos alunos com deficiência, a inclusão, de alguma maneira, está acontecendo aos poucos e isso já pode ser considerado uma vitória, pois pelo menos as crianças com deficiências vão ter alguma interação com as crianças que não tem e isso pode ser algum reforço para o seu desenvolvimento.

3.3 Formação Docente e a Aprendizagem Discente na Educação Inclusiva

No terceiro tópico trataremos da formação docente e da aprendizagem discente na educação inclusiva, para isso, buscamos saber das professoras de que maneira elas se preparam para trabalhar com seus alunos com deficiência.

A **Professora 01** relatou: “A cada ano que surge um aluno com deficiência procuro pesquisar e sempre me adequar à deficiência apresentada pelo aluno”. A **Professora 02** diz: “Trabalho com muitas dificuldades para entender como lidar com aluno com deficiência”. A **Professora 03** relatou: “Procuro adaptar cada conteúdo trabalhado na sala de aula para atender as deficiências de cada aluno”. A **Professora 04** usa o que aprendeu na sua formação

acadêmica para lutar contra as dificuldades. Veja o que ele diz: “Utilizo-me de tudo que apreendi na faculdade. Através de pesquisa de livros e etc.”.

Para um bom entendimento por parte do professor de como desempenhar suas práticas de ensino corretamente e de forma inclusiva, é necessária uma reflexão sobre seus atos docentes e manter-se sempre preocupado com a sua formação. Assim, nos dizem Silva, Vilela e Oliveira (2012, p.7):

Sabe-se que um educador que atua na área da educação inclusiva, precisa estar atento a algumas dimensões que são importantes para a sua coerência no cotidiano da escola, como: preocupar-se com sua formação, manter-se constantemente atualizado; centrar o seu trabalho na ação humana, voltar a sua prática à teoria para o outro acreditar sempre nas mudanças, possuindo assim, a capacidade de aceitar e conviver com as diferenças; estar atento ao saber fazer e colocar em ação mediante o planejamento, métodos, técnicas e recursos didáticos, o seu saber.

Para que o professor alcance um bom desempenho na educação inclusiva é necessário estar sempre atento com as suas ações e seus resultados, ao mesmo tempo precisa conhecer o contexto ao qual o seu aluno pertence procurando sempre buscar renovar suas praticas educativas a partir de leituras e pesquisas sobre cada situação em que precisa atuar como professor, de acordo com a educação inclusiva.

Analisando as respostas dadas para questão, percebe-se que mesmo diante das dificuldades encontradas frente à inclusão, quase o total dos entrevistados mostram procurar a renovação, sempre pesquisando, adaptando os conteúdos às necessidades dos alunos, utilizando-se do que apreendeu na faculdade, em fim, buscando melhorar seus métodos de ensino para obter um bom desenvolvimento da educação inclusiva. Neste sentido, apenas o **Professor 02** admitiu ter bastantes dificuldades para entender a maneira de se trabalhar com o seu aluno com deficiência.

Dando continuidade, perguntou-se aos docentes como era o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com deficiência que eles atendiam.

A **Professora 01** nos disse: “A aprendizagem é pouca, além de faltar bastante, quase não vem, e quando vem necessita de cuidados especiais”. A **Professora 02** falou: “O desenvolvimento da aprendizagem do aluno o qual tenho é pouco”. A **Professora 03** disse o seguinte: “O aluno com deficiência que trabalho tem um baixo nível de desenvolvimento na aprendizagem”. E por ultimo, a **Professora 04** relatou: “O desenvolvimento é muito lento, deixa muito a desejar, por não existir a possibilidade de apenas um professor em sala de aula para realizar esse trabalho tão complexo, apesar da sua dedicação com criança”.

Ao analisando as respostas das professoras compreende-se que mediar conhecimentos a alunos com deficiência não é tarefa fácil, pois os mesmos requerem uma atenção especializada. Nos relatos das professoras entrevistadas nota-se que o processo da aprendizagem de alunos com deficiência é um processo lento, que requer uma atenção voltada a cada caso, e para isso é necessário que esses alunos tenham acesso e permanência na escola para que o docente possa contribuir no desenvolvimento da aprendizagem destes. Por essa razão, para o professor atuar em salas de aula que tenha alunos com deficiência na perspectiva da educação inclusiva, faz-se necessário que desenvolva práticas pedagógicas condizentes com as necessidades de socialização, integração e aprendizagem desses alunos, para que possa obter bons resultados no processo ensino e aprendizagem.

Desse modo, segundo nos esclarece Santos (2009, p.7):

Quando se está diante de uma criança com dificuldades de aprendizagem, não significa que essa criança não aprenda, mas sim que seu processo de aprendizagem se encontra desequilibrado e que as aprendizagens são realizadas de maneira diferenciada da esperada.

Neste sentido nota-se a importância dos professores conhecerem os tipos de deficiências apresentadas pelos seus alunos, pois assim poderão avaliar se seus métodos de ensino estão corretos e se está realmente ajudando no desenvolvimento daquele aluno, se o método utilizado não precisa ser mudado ou adequado às necessidades apresentadas pelos alunos de acordo com o tipo e com o grau da sua deficiência.

De acordo com as respostas de todas as professoras entrevistadas, o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com deficiência o qual eles atendem é fraco e muito lento devido não frequentarem diariamente a sala de aula e quando veem precisam de cuidados especiais. Na opinião da **Professora 04**, isto se dá pelo fato da indisponibilidade de um professor auxiliar, no caso, talvez, um monitor, para auxiliar na hora da realização dos trabalhos. Isto mostra que o professor que atua na educação inclusiva necessita de um auxílio para dá apoio nas tarefas realizadas para atender as necessidades de aprendizagem do aluno com deficiência.

Outra pergunta foi: A partir das experiências que elas obtiveram como professora, quais sugestões dariam para melhorar o processo de educação inclusiva. Na ocasião nos deram às respostas abaixo citadas:

A **Professora 01**: “Deve-se investir na capacitação de professores e de ajudante, oferecer ambiente adequado e materiais pedagógicos”. A **Professora 02**: “A escola precisa adquirir materiais específicos para trabalhar com o aluno com deficiência”. A **Professora 03** indicou o seguinte: “Preparação e qualificação para todos os docentes para atuar na educação

inclusiva”. E a **Professora 04** atribui fez as seguintes sugestões: “As escolas que se dizem inclusivas deve dar suporte aos professores em sala de aula com crianças com deficiências, para que a inclusão exista de verdade, com profissionais qualificados, com no mínimo profissionais pedagogos”.

A educação inclusiva envolve uma mudança em toda área escolar desde a parte estrutural da escola à construção do currículo, pois a partir do momento que a instituição escolar torna-se inclusiva, assume um compromisso de renovação e de melhorias na sua prática de acolhimento, integração e ensino para propiciar de fato a aprendizagem dos conteúdos e o desenvolvimento do aluno. Sobre esse assunto, assim nos fala Silva (2011, p.19):

A educação inclusiva envolve planejamento e investimentos de recursos, portanto exige o comprometimento dos órgãos governamentais como preparação previa do ambiente escolar como o investimento de infraestrutura e na área pedagógica para receber esses alunos. Que as escolas tenham espaços físicos adequados e suficientes [...]. Na área pedagógica as escolas precisa possuir material didático adequado, recursos tecnológicos e profissionais bem qualificados, com ofertas de recursos de capacitação continuada para todos.

Diante da opinião dos professores é possível notar que a escola na qual lecionam necessita de mudanças em vários aspectos, principalmente na parte da qualificação inicial de professores e na sua formação continuada, pois quase todos os docentes entrevistados citaram em suas sugestões que para melhorar o processo de educação inclusiva é necessário uma preparação, uma capacitação, uma qualificação para os professores que atuam com alunos com deficiência, como também que a escola precisa aumentar o suporte pedagógico que auxilie o professor no desenvolvimento de suas práticas educativas. Desse modo, o **Professor 04** faz uma crítica para as escolas que se dizem inclusiva dando a sugestão de que além de suporte material, as instituições escolares devem contratar profissionais qualificados que sejam pelo menos graduados em Pedagogia.

Sendo assim, cabe à escola a responsabilidade de repensar as suas práticas denominadas inclusivas e buscar mudanças nos seus métodos de ensino, envolver-se no processo da inclusão juntamente com todo o corpo docente e administrativo, dando suporte aos docentes para que os estudantes com deficiência que fazem parte do corpo discente da escola tenham um bom atendimento, com direito a um acesso adequado e um bom desenvolvimento na aprendizagem.

Por último perguntamos as professoras sobre a seguinte questão: Como eles se sentem como professor que trabalham com alunos com deficiência? As respostas obtidas foram:

A **Professora 01** disse: “Sinto vontade de fazer melhor, mas as condições oferecidas são poucas”. Já a **Professora 02** falou o seguinte: “Sinto-me despreparada para atuar na sala de aula com aluno com deficiência”. A **Professora 03** admite sua incapacitação quando diz: “Sinto-me incapacitada para trabalhar com eles”. A **professora 04** relatou suas magoas ao falar de como se sentia, ele disse: “Sinto-me angustiada por trabalhar com alunos que necessita de trabalho especializado, mas até o momento não tenho a quem recorrer”.

A educação inclusiva pode oportunizar ao professor experiências únicas, permitindo-lhes um desenvolvimento profissional e pessoal ao lidar com a inclusão. Os docentes podem aperfeiçoar seus conhecimentos e suas técnicas educacionais, porém para que isso aconteça é indispensável que o educador sinta-se disposto e motivado a se preparar continuamente para esta ação.

Para Silva, Vilela e Oliveira (2012, p.8):

A construção de uma Educação Inclusiva e inovadora no sistema educacional é possível mediante novos paradigmas e estratégias de ensino-aprendizagem. Desse modo, a formação dos professores dá condições necessárias para que as práticas integradoras sejam positivas, pois o professor ao se sentir pouco competente pode vir a desenvolver além de expectativas negativas, menor interação e atenção dos alunos.

Neste sentido, compreende-se a relevância de uma capacitação de professores que possa ampliar as suas expectativas, seus conhecimentos e assim inovar seus métodos para que se sintam habilitados para atuar frente à inclusão escolar. No entanto percebe-se que este não é o caso das professoras aqui entrevistadas. Pois as **Professoras 02 e 03** relataram que não estão preparados para trabalhar com alunos com deficiência, sentem-se incapacitadas e despreparadas, a **Professora 01** mostra vontade de mudar, de melhorar as suas praticas, porém as condições oferecidas pela escola não permitem esta mudança. A **Professora 04** mostra-se angustiado por não ter a oportunidade de tratar esses alunos com deficiência de maneira especial e competente, mas no momento não tem a quem pedir ajuda. Isto mostra que mesmo que a escola a qual elas trabalham recebam alunos com deficiência não apresenta um suporte necessário para o desenvolvimento de ensino aprendizagem destes alunos.

Diante disso, constrói-se a ideia de que os professores da escola pesquisada ainda não estão preparados profissionalmente para a atuação na escola inclusiva, mesmo alguns

mostrando em suas respostas o desejo de mudança, ainda se observa que com as suas praticas pedagógicas não conseguem suprir as necessidades dos alunos que apresentam deficiência, gerando assim muitas dificuldades para si e para os seus alunos, e também um baixo desenvolvimento de aprendizagem desses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou as dificuldades docentes no processo de ensino-aprendizagem com alunos com deficiências nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública da cidade de São João do Rio do Peixe-PB. O desenvolvimento deste trabalho deu-se através de leitura de autores que estudam a inclusão escolar e das falas dos professores que atuam com a inclusão de alunos com deficiência no ensino regular dos anos iniciais do ensino fundamental, que se propuseram a participar desta pesquisa nos concedendo entrevistas.

A partir desta pesquisa compreendem-se as dificuldades vivenciadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência, permitindo identificar os principais desafios presentes na sala de aula do ensino fundamental, em relação à inclusão de alunos com deficiência, mas também os desafios que se encontram relacionados à escola como um todo, e mesmo, no que se refere à Secretaria de Educação.

Assim, teve-se a oportunidade de conhecer as percepções dos educadores da escola na qual trabalham os professores entrevistados acerca da inclusão escolar que orientam as suas práticas. Isto tendo como finalidade conhecer as ações desenvolvidas por eles para suprirem as necessidades de aprendizagem escolar dos alunos com deficiência. Percebemos que trabalhar com a inclusão escolar de alunos com deficiência não é uma tarefa fácil, pois esse trabalho requer preparação, capacitação e formação docente específica para que assim possam desenvolver as suas práticas educativas adequadamente. No entanto não só de preparação docente necessita uma instituição escolar para torna-se inclusiva, é relevante uma transformação estrutural na escola, que vai desde à estrutura do prédio ao currículo escolar, incluído materiais didáticos adequados, professores capacitados e todos os membros da escola envolvidos no processo da inclusão. Só assim o aluno com deficiência se sentirá acolhido e preparado para ter um bom desenvolvimento da aprendizagem.

Pode-se afirmar que as análises feitas nesta pesquisa nos favoreceram compreender que os professores que atuam com a educação inclusiva buscam melhorias para as suas práticas pedagógicas, mas nem sempre encontram apoio para a concretização de suas ações inclusivas. Neste caso, percebe-se a relevância da formação de professores, pois é através de formação que os docentes têm a oportunidade de repensar as suas concepções e práticas e desse modo construir novos pensamentos, dando ênfase à necessidade de conhecer os tipos de deficiência que apresenta o aluno o qual atende, para que assim, suscite uma educação de

qualidade que possa adequar-se às necessidades dos alunos que apresentam deficiência. Este é um elemento importante, mas não é o único.

As principais dificuldades enfrentadas pelos professores que atuam na inclusão escolar de alunos com deficiência refletem não só na falta de formação de professores, mas também na indisponibilidade de materiais pedagógicos e na estrutura do espaço escolar, na carência de conhecimentos sobre a deficiência apresentada pelos alunos e pela falta de apoio por parte não só da escola, mas como também da Secretaria de Educação do Município. Foi possível percebermos nas falas dos professores participantes desta pesquisa a necessidade de ter parcerias para desenvolver o seu trabalho satisfatoriamente, ou seja, a presença de pessoal pedagogicamente preparado para lhe dar assistência e a companhia de um colega professor na sala de aula para lhe ajudar com as necessidades especiais dos seus alunos.

Assim, no transcorrer da concretização deste trabalho obtiveram-se relatos por partes das professoras apontando diversas formas utilizadas para superar ou amenizar as dificuldades presentes em seu cotidiano escolar e diferentes sugestões para que a escola possa tornar-se verdadeiramente inclusiva. As docentes entrevistadas acreditam que as dificuldades estão ligadas a falta de capacitação, e da indisponibilidade de apoio pedagógicos por parte da escola, e que para solucionar este problema a instituição escolar teria que dispor de materiais didáticos adequados para trabalhar de acordo com a deficiência de cada aluno e ao mesmo tempo promover cursos de capacitação para os professores, e ainda, que seria essencial se a escola contratasse para trabalhar com educação inclusiva pessoas capacitadas, no mínimo pedagogos e de preferencia com especialização em psicopedagogia.

Portanto, diante das análises feitas sobre a ideia de alguns autores em relação à inclusão escolar, e através das falas dos professores que participaram da nossa pesquisa, salienta-se que a inclusão educacional é uma ação que necessita envolver todos os alunos da escola, o seu corpo administrativo, a família dos alunos e a comunidade. Mas, para isso, a escola necessita de uma reestruturação na cultura educacional, nos métodos de ensino e nas políticas vivenciadas pelas escolas de maneira que estas valorizem as diferenças dos alunos. Neste sentido, ao olharmos para as colocações dos professores entrevistados, podemos afirmar que a prática de uma educação inclusiva de qualidade não é uma coisa fácil de ser conquistada no atual contexto educacional. Por isso torna-se relevante pesquisar por este tema quem sabe assim possa despertar o interesse de outras pessoas em adquirir novos conhecimentos sobre a inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Raquel Silva Barbosa, GOMES, Humberto Tenório. Educação Inclusiva: Perspectivas da Declaração de Salamanca. **Revista São Luis Orione** - v.1 - n. 6 - p. 37-48 - jan./dez. 2012. Disponível em: < <http://www.catolicaorione.edu.br/portal/wp-content/uploads/2015/01/Educa%C3%A7%C3%A3o-Inclusiva-Revista-S%C3%A3o-Luis-Orione-v-1-n-6-jan-dez-2012.pdf>> Acessado em 25/07/2017.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, Ministério da Educação, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acessado em: 04/03/2017
- _____. **Decreto N° 3.298**, Brasília 1989. Disponível em:< https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm> acessado em 27/07/2017
- _____. Estatuto da criança e do adolescente: **Lei federal nº 8069**, -9.ed.-Brasília: Câmara dos Deputados, 2012. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf> Acesso em: 04/03/2017
- _____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº9.394**, Brasília: MEC, 1996. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>Acesso em: 05/03/2017.
- _____. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica: **Resolução nº 2**, 2001. Ministério da Educação. Disponível: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> Acesso em: 07/03/2017.
- _____. **Decreto nº 6.949**, de 25-de Agosto de-2009, Brasília. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm> Acessado em: 26/03/2017
- PORTO ALEGRE, Cartilha Assembleia Inclusiva. **A casa do povo é de TODOS os gaúchos**. Manual da Mídia Legal, Porto Alegre, 2011. Disponível em:< <http://docplayer.com.br/7654073-Manual-de-redacao-midia-inclusiva-assembleia-a-casa-do-povo-e-de-todos-os-gauchos.html>> Acessado em18/10/2016
- CASTILHO, Ela Wiecko V.. **O papel da escola para a educação inclusiva**. Rio de Janeiro, 2009, pp. 108-119. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ff2x7/pdf/livianu-9788579820137-10.pdf>>. Acessado em: 02/08/2017.
- Declaração de Salamanca **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acessado em 28/07/2017.
- GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social** 6. Ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, Andréa et alli, **Direitos Das Pessoas Com Deficiência** "Cartilha Da Inclusão." Editado pela PUC-MG, novembro de 2000, Disponível em: <http://www.prt22.mpt.gov.br>. Acessado em: 30/07/2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas, São Paulo Editora: alínea, 2012.

INCLUIR-Programa de Inclusão Social. **Convivendo com pessoas com deficiência**: Um guia para facilitar suas relações no trabalho e na vida. S/D <<http://www.viacaometeta.com.br/wp-content/uploads/2016/pdf/programa-inclusao-social.pdf>> acesso em: 16/06/2017

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semiestruturada**: Análise de Objetivos e de Roteiros. Bauru, USC, 2004.

MIRANDA, Theresinha Guimarães, GALVÃO FILHO; Teófilo Alves. **O professor e a educação inclusiva formação, práticas e lugares**. Salvador, Editora: EDUFBA, 2012.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/84935707/ANALISE-DE-CONTEUDO-Roque-Moraes> Acessado em: 04/08/2017.

MORAIS, Sandra Maria Ramos Cavalcante de. **Os Desafios do Professor da sala regular de Ensino, numa perspectiva da Educação Inclusiva como Políticas Públicas**. IICINTEDI, II Congresso Internacional de Educação Inclusiva, Campina Grande PB, Novembro 2016.

OLIVEIRA, Ana Irene Alves de. **A Quantas anda a inclusão?**. Belém, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Brasil, Editora: ASPEUR 2013.

RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Educação Especial: História, Etiologia, Conceitos e Legislação Vigente. IN **Práticas em Educação Especial e Inclusiva**. 12 v. MEC/FC/SEE, Bauru, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Cartilha Assembleia Inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

_____. **Terminologia Sobre Deficiência na era da Inclusão**. Brasília, 2003, p. 160-165,

_____. **Como chamar as pessoas que têm deficiência?** São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1855>> Acessado em: 15/06/2017

SANTOS, Maria José Dutra dos. **Educação Inclusiva**: As Dificuldades Enfrentadas pelos Professores da Escola Municipal Dep. João Ferreira de Lima. Monografia. João pessoa PB, 2015.

SILVA, Mônica Telli Moreno da. As Políticas Públicas de Educação Inclusiva no Brasil (1996-2006) **Revista de Educação do IDEAU**, Vol. 6 – Nº 14, Alto Uruguai, 2011.

SILVA, Maria Quitéria Santos da; VILELA, Maria Cristiana da Silva; OLIVEIRA, Bráz da Silva. O Professor e a Educação Inclusiva: Desafios e Perspectivas. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais**, Aplicadas da EDUVALE, 2012.

SILVA, Lidia Martins da. **Educação Inclusiva e Formação De Professores monografia.** Cuiabá – MT 2009. Disponível em:
http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/2010069353641lidia_monografia.pdf Acessado em: 03/08/2017.

VIOTO, Josiane Barbosa Rodrigues; VITALIANO, Célia Regina. **O Papel da Gestão Pedagógica Frente ao Processo de Inclusão dos Alunos com Necessidades Educacionais Especiais.** IN Seminário de pesquisa, ANPED Sul, 2012.

Apêndice



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1 - O que você entende por deficiência?
- 2 - Para você o que é educação inclusiva?
- 3 - Quais são os tipos de deficiência que os seus alunos com deficiência apresentam?
- 4 - Você recebeu e tem recebido algum tipo de preparação específica para você trabalhar com alunos com deficiência?
- 5 - Quais as dificuldades que você enfrenta para desenvolver o processo de ensino com alunos com deficiência? E como você lida com essas dificuldades?
- 6 - De modo geral, como a escola na qual você trabalha se prepara para ser uma escola inclusiva?
- 7 - Na sua concepção, como deve ser o professor de educação inclusiva?
- 8 - Como você se prepara para trabalhar com os seus alunos com deficiência?
- 9 - Como é o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com deficiência que você atende?
- 10 - A partir da sua experiência como professor (a), quais sugestões você daria para melhorar o processo de educação inclusiva?
- 11 - Como você se sente como professora que trabalha com alunos com deficiência?